

PAULO EMÍLIO MORTO

Hélio Pellegrino

De repente é verdade. E é perto.

O grito-espanto
implode, em crispado silêncio. Faz-se
um oco
no coração das coisas, um momento
em que o mundo inteiro é massa e gesso
de um molde imenso
configurando o nada.

A cidade
com seus motores cala, tudo se abre
célere, para que esguiche o espaço vácuo da praça
onde o corpo há de cair.

A um instante atrás, as imobiliárias
manchavam o azul do céu com seus moventes
anúncios: e tudo se movia.

Agora,
o corpo de Paulo Emílio,
imoto, no seu gramado,
cria em torno a si um minuto
de eternidade, um calendário
de eternidade, a eternidade
na eternidade. Meu amigo
Paulo Emílio, que eu não via
há tanto tempo, já não verei
fora do tempo
nunca mais.

Esta morte me esbarra. Com seus olhos
excêntricos, seu relógio
parado, seu reboco.

Esta morte
me toca. Com suas unhas
que não mais vão crescer. Crestadas.
Sob o sem termo livor da lua,
sem mênstruo possível de aurora,
a lembrança do amigo escorre,
orvalho oxidado.